

COMO FALA O ADOLESCENTE: EM FOCO, A CONCORDÂNCIA VERBAL E AS REDES DE RELACIONAMENTO SOCIAL

Eliane Vitorino de Moura Oliveira¹

Introdução

A linguagem representa a origem do sujeito visto que é nela e por ela que este se constitui. Sua realização, entretanto, efetiva-se na interação, em cuja relação é construída a língua, marca da racionalidade e produto da atividade humana.

Tal assertiva nos leva a não compactuar com a concepção de língua como um produto acabado, visto que é ela que compõe a corrente da interação das relações sociais que se dão entre os sujeitos, numa dinâmica geradora da variação, processo que, já há algum tempo, vem sendo alvo de estudos por pesquisadores interessados em compreender os fatores que favorecem a ocorrência das diversas formas linguísticas presentes na fala espontânea de pessoas, grupos e comunidades.

Estudos diversos vêm sendo realizados no Português Brasileiro (PB) no sentido de sistematizar a variação linguística existente e combater o “caos linguístico” evidenciado por Tarallo (2010, p. 6), levando também em conta a concepção de língua como fator identitário. Interagindo com o outro, por meio da fala, o sujeito se compõe, estabelecendo as diversas relações sociais e retratando o conhecimento de si próprio e do mundo, ou seja, seus valores ideológicos e visões de mundo. Conforme relata Neves (2007, p. 82) “[...] em minha língua estão minhas faces, minhas contrafaces e minhas interfaces, e que é exatamente por aí que eu sou quem sou”, o que é corroborado por Castilho (2010, p.31) quando profere “é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro.”

Não obstante a questão identitária seja marcante em todas as fases pelas quais passa o indivíduo, é na adolescência, período que abarca a faixa etária daqueles que integram o EM em nosso país, que ela se faz mister, já que tal fase é marcada pela busca da identidade.

Destarte tal certeza, nossa sociedade impõe um padrão de certo e errado que, de acordo com Scherre (2008), toma dimensões incomuns no que concerne à linguagem, uma vez que existe a crença

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – UEL (Bolsista CAPES) – liaoliver@bol.com.br

de a existência de formas mais certas que outras, ocasionando, com isso, a tentativa de prescrição de certas variedades, em detrimento da identidade de cada um, visto que se impõe ao sujeito abandono da forma que lhe é característica, que o faz integrante de um grupo, que é sua marca original.

Diante disso, em contanto com os adolescentes em sala de aula, local de interação em que se pode conviver com a língua viva e em toda sua essência, com base nos pressupostos da Sociolinguística, investigamos a maneira como dezesseis adolescentes utilizam a variedade padrão da língua – em especial a concordância verbal (doravante apenas CV), por ser a CV um dos fenômenos linguísticos mais carregados de marca de divisão de classes (Scherre, 2008).

Estes informantes são meninos e meninas com idades entre 15 e 17 anos, todos cursando o Ensino Médio (EM), sendo oito estudantes de escolas particulares e integrantes da classe social privilegiada – denominada adiante de classe P, e oito estudantes em escolas públicas e oriundos das classes sociais menos favorecidas – classe D.

Empenhamo-nos nesta pesquisa por acreditarmos que o conhecimento dos fatores lingüísticos que interferem no uso ou não-uso da CV poderá trazer à tona relevantes sinais a serem observados ao se refletir sobre o ensino da língua materna. Além disso, esperamos que sua conclusão possa colaborar para a inserção e valorização de estudos direcionados à variação linguística no meio escolar, trazendo para dentro das salas de aulas uma abordagem mais eficaz da variação linguística.

Fundamentação teórica

Como bem relatam os PCNs (1998), “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, [...]. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades [...]” (BRASIL, 1998, p. 29). Camacho (2001) lembra que “nenhuma língua natural humana é um sistema em si mesmo homogêneo e invariável.” (CAMACHO, 2001, p. 57), apoiado por Castilho (2010), o qual refuta o mito da unidade ao alegar que “as línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia” (CASTILHO, 2010, p. 197).

Fatos como estes puderam vir à tona a partir de estudos específicos, em especial iniciados pela Dialetoлогия, complementados e atualizados pela Sociolinguística, ciências que, equivalentes e necessárias uma a outra, fizeram são a gênese dos trabalhos com a variação.

A dedicação e o empenho de pioneiros como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi favorecem o estatuto dos estudos dialetológicos e permitem, hoje, que vários atlas tenham sido publicados, e mantêm viva a disposição daqueles que, incansavelmente, destinam-se à elaboração do Atlas Linguísticos do Brasil – ALiB.

O aspecto social da língua já chamava atenção no início do século XX, inclusive nos trabalhos de Saussure. Entretanto, foi na década de 60 que este aspecto começou a ser investigado minuciosamente por estudiosos da língua, entre os quais William Bright, que designou a diversidade linguística como objeto da Sociolinguística e identificou um conjunto de fatores definidos, com os quais se relacionaria à Linguística, tais como a identidade social do emissor ou do falante; a identidade social do receptor ou ouvinte; o contexto e o julgamento social distinto que os falantes fazem das atitudes linguísticas.

Estudiosos como Alkmin (2001) e Bright foram pioneiros nos estudos sociolinguísticos, mas foi com William Labov, que o termo Sociolinguística se estabeleceu, uma vez que este linguista, de acordo com Tarallo (2007), foi quem “mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 2007, p. 7), por meio de seus estudos, iniciados em 1963.

Os estudos da Sociolinguística quantitativa (também variacionista ou laboviana) são voltados para a relação entre língua e sociedade, em busca de sistematizar as variações da língua falada por intermédio de pesquisas que consideram fatores extralinguísticos, tais como classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros, a fim de demonstrar a interdependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social em que vivem. Foca a sistematização das variedades linguísticas por meio da documentação e descrição dos usos, ou seja, sistematiza a língua falada, de forma a estudar sua estrutura e evolução no contexto social da comunidade em que se pratica a fala. É considerada quantitativa por envolver a análise de volumoso número de dados produzidos, implicando, necessariamente, a utilização de instrumentos estatísticos para o tratamento dos dados.

Em sua gênese, os trabalhos realizados eram de ordem diacrônica, entretanto, estudos pioneiros deixaram à mostra uma intrincada relação entre a diacronia expressa pela mudança linguística e a sincronia da variação linguística. Imputando a impossibilidade de compreender o desenvolvimento da variação e da mudança fora do contexto em que se inserem, Labov (2008) empreende trabalhos de suma importância. O primeiro deles trata-se do estudo sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard quanto à alteração na posição fonética dos elementos iniciais dos ditongos /ay/ e /aw/, por

meio do qual Labov, em especial, pode concluir que o uso centralizado ou não demarcava, ainda que inconscientemente, a maneira que alguns moradores utilizavam para se afirmarem como nativos, renegando a pressão social feita pelas culturas dos veranistas que invadiam a ilha anualmente, bem como a revelação, também inconsciente, de insatisfação de outros nativos, que sentiam vontade de deixar a ilha, ou viam a necessidade de igualá-la as outras cidades norte-americanas, além de que os falantes nativos assumiam posturas linguísticas que demarcavam sua identidade cultural.

Seu trabalho sobre a estratificação do /r/ nas lojas de departamentos de Nova Iorque, mostrou “nítida e coerente estratificação do /r/ nas três lojas” (LABOV, 2008, p. 71), o que foi complementado com novo estudo neste sentido, por meio do qual foi medida a avaliação social das variantes em análise. Por intermédio desta nova pesquisa, foi possível observar que a totalidade dos pesquisados reagiu positivamente quando houve a pronúncia do /r/, considerada como marca de prestígio, o que veio não só ratificar a pesquisa anterior, mas também conduziu à sua mais importante conclusão, a de que uma comunidade linguística não se define como um grupo de falantes que utiliza formas idênticas, mas sim como um grupo que partilha normas linguísticas.

Mais um trabalho de peso foi a investigação acerca do fracasso escolar dos jovens negros moradores de um bairro de Nova Iorque, o Harlem, particularmente concernentes à leitura. O autor classifica os sujeitos pesquisados como pertencentes à cultura vernacular das ruas e esquecidos pelo sistema educacional, vindo daí a sua dificuldade de aprendizado, uma vez que há um conflito entre o seu vernáculo e a fala padrão, o que o induz a considerar como o grande vilão nesta questão o conflito cultural.

Em 2001, uma pesquisa na Filadélfia, com o objetivo de identificar os sujeitos e suas redes de relações, a fim de rastrear as causas da mudança linguística por meio da busca da posição social dos indivíduos inquiridos, mostra que, quando as mudanças se iniciam, o sexo feminino é mais ágil que o masculino em utilizar o novo símbolo social.

Este último trabalho, assim como o primeiro, aproximam-se, de certa forma, à vertente qualitativa da Sociolinguística, a qual se volta para o estudo dos comportamentos linguístico-sociais, ou seja, enfoca a relação dos sujeitos com a linguagem e focaliza não só a língua, mas também os sujeitos que dela fazem uso e como se dão as atitudes em relação as variedades de línguas utilizadas por eles e por seus pares, considerando como relevantes e mesmo imprescindíveis os aspectos culturais e sociais dos usuários da língua.

Calvet (2007) relata que

Não tiramos o instrumento-língua de seu estojo quando temos necessidade de nos comunicar, para devolvê-lo ao estojo depois, como pegamos um martelo quando precisamos pregar um prego. Com efeito, existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que a utilizam que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. (CALVET, 2007, p. 65)

Ou seja, o que importa é o comportamento sociolinguístico dos sujeitos, o que torna a Sociolinguística, neste vertente, contrária à concepção de língua como instrumento de comunicação, comum em estudos anteriores, visto que sua ocupação será desvendar os preconceitos e estereótipos linguísticos, o comportamento social dos falantes em relação à própria língua e a de seus pares, os efeitos que a norma pode provocar nos indivíduos

O que difere, sobretudo, a Sociolinguística Qualitativa da Quantitativa é o fato de, enquanto esta busca desvendar as formas com que se dá a heterogeneidade e como se regula a variação, aquela objetiva apreciar o caráter social e a função social da linguagem, e como isso pode repercutir no comportamento dos indivíduos, desvendando as motivações ideológicas para usos e não-usos expressados nos discursos reais, introduzindo em suas concepções as questões identitárias.

A questão de identidade vai encontrar respaldo nos estudos sociolinguísticos dependendo da metodologia utilizada. Efetuada num nível macro, de caráter mais quantitativo, associado, portanto, à Sociolinguística Quantitativa, seu papel será de coadjuvante, uma vez que nesse nível a comunidade é que se mostra relevante. Já em um nível micro, de cunho qualitativo e ligado à Sociolinguística Qualitativa, ela é protagonista, pois o indivíduo, ainda que envolvido em suas redes ou comunidades, se faz importante. Ou seja, ao nível macro associa-se a noção laboviana de comunidade de fala, o que significa dizer que a identidade não é relevante na explicação dos fenômenos linguísticos. Ao contrário, entretanto, no nível micro, ligado as redes sociais e comunidades de prática, a identidade é determinante em todo o processo de variação.

A noção de comunidade de fala foi inserida por Labov aos termos da Sociolinguística na década de sessenta, sendo, a partir de então, amplamente utilizada, mesmo não havendo, entre os estudiosos da área, consenso quanto à sua definição.

De acordo com Milroy (1987), Nova Iorque é definida por Labov como uma única comunidade de fala, ou seja, “all New York speakers from the highest to lowest status are said to

constitute a single speech community because, for example, they agree in viewing presence of post vocalic [r] as prestigious”(MILROY, 1987, p. 13).²

Gumperz (1972), relativizando a generalização feita por Labov, concebe comunidade de fala como qualquer conjunto humano que se caracteriza por interagir regular e frequentemente por intermédio de um corpo compartilhado de signos verbais, diferenciado de conjuntos parecidos por meio de diferenças significativas de uso linguístico. Ou seja, divergindo de Labov, Gumperz (1972) não dá prioridade às atitudes dos falantes, mas sim aos usos linguísticos compartilhados por indivíduos que mantêm certa frequência de interações.

Já em relação às redes, vemos em Bortoni-Ricardo (2009) que adotamos condutas parecidas com as daqueles com os quais convivemos em nossa rede de interação, uma vez que, ainda que únicos, vivemos em sociedade e, portanto, nos é vital aproximarmos-nos do grupo com os quais nos relacionamos para pertencermos a ele e com ele nos identificarmos. Assim sendo, tais redes são fatores determinantes para a caracterização de nosso repertório sociolinguístico, e, para a autora, “uma rede social é simplesmente um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo.” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 15).

Bortoni-Ricardo (2005) ao expor que as redes sociais representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam cotidianamente de acordo com duas propriedades: a densidade, relacionada à estrutura da rede, e a multiplexidade, condizente com o conteúdo da rede.

Milroy (1987) esclarece que “a network is said to be relatively dense if a large number of the persons to whom ego is linked are also linked to each other [...] if however more than one strand or content can be observed in the link, the relationship is [...] multiplex.”³ (MILROY, 1987, p. 50-51), ou seja, quanto maior for o número de pessoas que se conhecem entre si internamente um grupo, maior a densidade da rede, uma vez que isso dificulta o contato com o exterior, uma vez que cada indivíduo tem poucas possibilidades de usar suas relações para contatar pessoas e ser contactado por pessoas de fora dos limites do grupo. Em contrapartida, uma rede em que poucas pessoas se conhecem mutuamente é uma rede de tessitura frouxa pouca densidade.

² Todos os falantes de Nova Iorque, do mais alto ao mais baixo status, são vistos como constituindo uma única comunidade de fala porque, por exemplo, eles concordam ao considerar como prestigioso a presença do [r] pós-vocálico (tradução nossa).

³ Uma rede é considerada relativamente densa se um grande número de pessoas se liga umas as outras de diferentes formas. Se, entretanto, mais de um vínculo ou conteúdo pode ser observado na ligação, ela será multiplex.

Em se tratando de multiplexidade, essa noção refere-se à redundância dos vínculos da rede. Um vínculo será uniplex quando um integrante da rede representar um papel apenas, por ex. como patrão. Será multiplex quando assumir papéis: é patrão, mas também é vizinho, tio, etc.

Segundo a autora, há objeção quanto à multiplexidade, uma vez que “the number of strands which can be observed in a relationship may vary from one observer to another, and will also vary with analytic purpose.”⁴ (MILROY, 1987, p. 51-52).

Neste sentido, Labov (2006) observou que pessoas com mais alto status em suas comunidades são as responsáveis pelas mudanças linguísticas, e quando se encontram no mesmo status, lideram a mudança as que têm maior número de contatos em sua localidade e fora dela.

Bortoni-Ricardo (2005) discorre sobre a característica de certos tipos de rede ao funcionarem como reforço normativo, esclarecendo que

Quando as redes apresentam uma “tessitura densa”, isto é, quando há um alto grau de densidade, seus membros atingem grande consenso normativo e exercem consistente pressão informal uns sobre os outros, visando à conformação das normas consensuais. Por outro lado, quando a rede apresenta “tessitura frouxa”, há maior probabilidade de variação das normas. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 85 – grifos da autora)

ou seja, há um liame entre redes de interação, conservação de variedades e assimilação da língua padrão.

Por meio do estudo das redes, é possível averiguar os mecanismos presentes nas comunidades que tendem a facilitar ou dificultar a mudança linguística, bem como a maneira pela qual os indivíduos fazem uso dos recursos linguísticos, ou seja, tal estudo é importante para a averiguação, neste trabalho, de como as redes sociais de nossos informantes interferem no uso ou não da CV em sua fala cotidiana.

Concordância Verbal

São inúmeros os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos sobre a CV em nossa língua, pois o assunto em si traz divergências. Aquilo que é tido como adequado para alguns, pode não o ser para outros, fato que se percebe nitidamente nas salas de aula, onde alunos se questionam do porquê de

⁴ O número de laços que podem ser observados em um relacionamento pode variar de um pesquisador para outro, e de acordo com o propósito de análise.

terem que aprender a CV, por não se atentarem ao fato de que concordar adequadamente verbos e nomes aos seus complementos pode ser uma das possibilidades de ter acesso as camadas sociais privilegiadas, visto que, de acordo com Scherre e Naro (1993), a concordância adequada é uma característica linguística da camada social mais culta, sendo, portanto, imposta àqueles que nela queiram se inserir.

A ocorrência da CV define sujeito e o núcleo do predicado, representado pelo verbo, concebendo uma relação de identidade entre o termo determinante e o determinado, ocorrendo, assim, uma perfeita conexão entre os elementos da oração.

Vamos a algumas definições.

Perini (1995) também recorre à sintaxe de regência para conceituar a CV. Para ele, o fato abarca fundamentalmente alguns métodos que qualificam determinados sintagmas, conferindo-lhes função sintática. Ou seja, a oração estruturada hierarquicamente contém constituintes que, por sua vez, contêm outros constituintes, tendo, cada um deles, uma função ímpar, que tornam a CV um fenômeno hierarquizado, dependente do posicionamento de determinados constituintes na oração. Para Terra, “a CV é o processo pelo qual o verbo altera suas desinências para ajustar-se em pessoa e número com o sujeito”. (TERRA, 1997, p. 244). Bechara (2007) não se afasta muito do que dizem os autores já citados, mas acresce algo novo: uma subdivisão entre CV de palavra para palavra – colocando nessa vertente as regras usuais, e a CV de palavra para sentido – a qual englobariam mais o estilo na escrita. Carone (2002) relata que é o verbo a palavra que ata as outras a si, subordinando-as e com elas formando um nó, o que configura a concordância. E, por fim, para Castilho (2010), trata-se de uma conformidade morfológica entre uma classe, representada aqui pelo verbo, e seu escopo, representado pelo sujeito. Segundo o autor, “essa conformidade implica, portanto, na redundância de formas, ou seja, se houver marcação de plural no sujeito, haverá marcação de plural no verbo [...]” (CASTILHO, 2010, p. 411).

Tais conceitos dão a entender que as regras para este fenômeno são aplicadas categoricamente. É notório, porém, observar que a própria gramática normativa menciona uma lista de casos em que se admite o uso variável da marca morfológica da concordância, ou seja, existem vários fatores que intervêm na regra, a maioria ligada à relação do falante com o que é enunciado. A escrita, entretanto, embora passível de apresentar variação, é mais elaborada, dispõe de mais tempo de adequar a produção linguística as regras gramaticais, enquanto a agilidade que marca a oralidade não permite tamanho

cuidado, visto que esta tem uma “sintaxe interacional”, como acentua Castilho (2010), do que decorrem diversas consequências formais.

Por mais que os estudos sociolinguísticos apontem para a flexibilidade da concordância na fala, ela é alvo de discriminação. Expressões como *Nós vai* ou *A gente vamos*, comumente utilizadas por falantes que não dominam a norma culta, encontrarão sempre quem as considere erros inaceitáveis, ao invés de concebê-las como formas diferenciadas e presentes no uso cotidiano da língua materna.

Este quadro só terá alteração quando a escola passar a encarar o ensino com uma visão mais condescendente com a vivacidade da língua, uma vez que, de uns tempos para cá, a realidade escolar mudou. O público que chega às salas de aula alargou-se de forma a acolher a todas as classes sociais, incluindo alunos com uma bagagem cultural totalmente diferente, principalmente no que diz respeito ao uso da língua. Já não ocupam os bancos escolares apenas os falantes da norma culta, mas de todas as variedades de nossa língua.

Entretanto, não houve alteração do dia-a-dia escolar, com o professor despreparado para atender tal demanda, fazendo com que continue a “impor um standard fixo, que ele erroneamente acredita ser o que ele mesmo segue, em jovens que erroneamente acreditam que também eles não fazem qualquer concessão ao outro lado na vida diária.” (LABOV, 1974, p. 72), além de livros didáticos ainda baseados em antologias. Neste sentido, acreditamos ser importante estabelecer uma proposta que favoreça o estudo da CV de acordo com a realidade do aluno, de modo a incentivá-lo a conhecer uma variedade diferente da sua, sem que haja preconceito e de forma que sua identidade seja respeitada.

Estamos certos de que, ao observar o uso da CV em diferentes grupos, considerando em especial o uso que dela fazem os adolescentes na interação com seus iguais, e como isso lhes atribui a condição de únicos, será possível pensar em novas alternativas para o ensino, de forma a trabalhar a norma culta, mas também toda a diversidade encontrada nesse “tabuleiro de comunidades diferenciadas” (CASTILHO, 1988, p. 57) que forma o nosso país, além de proporcionar um ensino de Língua Portuguesa em conformidade com a realidade atual.

A fala em prática

Analisamos um *corpus* constituído de gravações de falas de adolescentes provenientes de duas classes sociais, estudantes de uma escola que visa ao encaminhamento para o trabalho e apoio

socioeducativo e estudantes de escolas particulares. Para cada grupo, selecionamos quatro informantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino, totalizando dezesseis informantes, os quais foram selecionados por meio de suas respostas ao questionário socioeconômico. Esclarecemos que, como critérios para definição de situação econômica, observamos se os informantes, ou suas famílias, possuíam bens como casa própria, veículos e piscina em casa. Também observamos a frequência/qualidade de viagens e a participação como sócio permanente em clubes recreativos. Outro fator relevante foi a localização e o conceito do bairro em que moram: se central, periférico, elitizado ou popular.

Os informantes da escola profissionalizante, inseridos na classe social desprivilegiada, são denominados INF1, INF2, INF3, INF4, INF5, INF6, INF7 e INF8 e os informantes de escolas particulares, integrantes da classe mais favorecida, INF9, INF10, INF11, INF12, INF13, INF14, INF15 E INF16. Para melhor clarificar nossas análises, de ora em diante, quando nos referirmos à classe social menos favorecida e estudantes de escolas públicas, utilizaremos a expressão classe D; referindo-nos à classe social privilegiada e aos estudantes da escola particular, usaremos a expressão Classe P.

Os informantes da classe D, entre INF1 a INF8, têm toda sua formação realizada em escolas públicas, fazem curso profissionalizante visando ao primeiro emprego, a fim de ajudarem no sustento de suas famílias, moram em bairros pobres e violentos da periferia de Londrina, não têm veículo e computador em casa, mas utilizam *lan houses* para acessar os sites de relacionamento dos quais participam, prioritariamente o *Orkut*, Facebook e MSN.

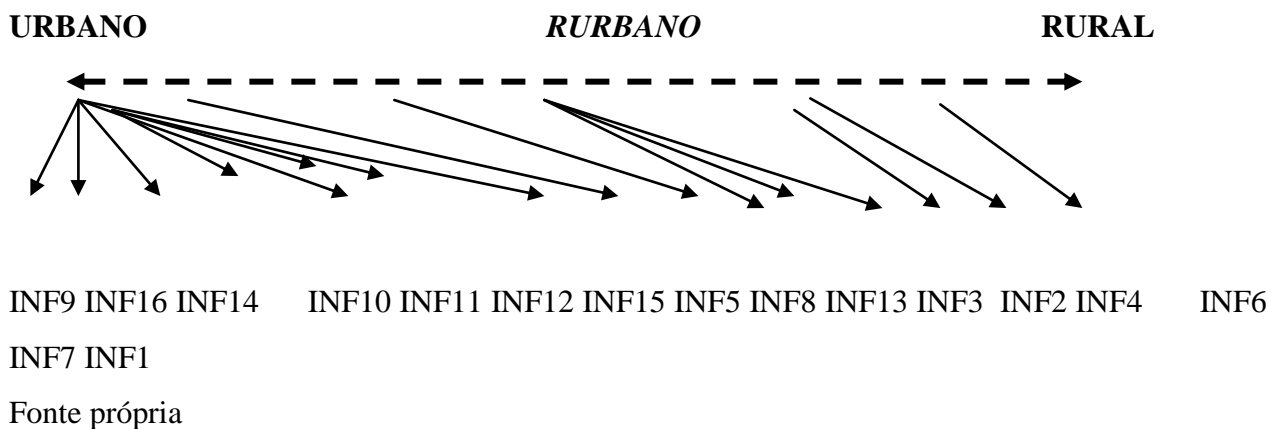
Análise

Estudos linguísticos já realizados sobre a variação na CV, sintetizados no capítulo 3, comprovam a importância de certos fatores externos à língua em tal variação, alguns atuando como favorecedores da CV e, outros, como desfavorecedores. Entre os fatores tidos como relevantes nos referidos estudos, optamos por tratar neste trabalho os seguintes: sexo, escolaridade, condição sócio-econômica, frequência de leitura e acesso a tecnologias e bens culturais, além das redes de relacionamento que serão analisadas em seção à parte.

Vejamos como isso se manifestou em nossa pesquisa, adiantando que o fator sexo não se mostrou relevante, e o fator escolaridade não foi analisado devido ao fato de os informantes se

tendo um histórico de sua origem, já que estão estabelecidos em “bairros proletários há muito tempo estabelecidos” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 105), passíveis, segundo a autora, de apresentarem esse tipo de configuração. No outro extremo, ficam os INF9, INF14 E INF16, sendo os demais alocados no decorrer do contínuo, ficando a figura assim re-estruturada:

Figura 2 - Organização dos informantes no contínuo de urbanização



Ainda em se tratando do contínuo de urbanização, Bortoni-Ricardo (2005) postula existirem, ao longo do contínuo rural-urbano, dois tipos de regras variáveis:

Regras que definem uma estratificação ‘descontínua’ e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros [...]. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 40)

Como diz a autora, traços graduais são comum a todos os falantes do PB, o que não seria diferente entre os adolescentes entrevistados neste trabalho. A maioria apresentou traços graduais como a ausência da Concordância Nominal (INF1: *os papo, as menina, meus irmão*, etc. INF2: *são interessante, os artista, os homem*, etc.; INF4: *são importante, minhas decisão, meus amigo*, etc.; INF5: *os amigo, os verdadeiro*; INF6: *meus tio, os homem, meus amigo*, etc.; INF7: *essas coisa, as letra, as mulher*, etc.; INF8: *Aqueles livro, nossos pagode*; INF9: *os babaca, os menino*; INF11: *idiota*

aqueles; INF13: *meus irmão, dos amigo, outros site*, etc.), apócope, monotongação, entre outros fenômenos, os quais não foram apontados por não serem foco deste estudo.

Como traços descontínuos, a CV foi a mais observada, notadamente, sendo marca explícita nos INF1, INF2, INF4, INF6, INF7, aparecendo também nos INF3, INF8, INF10, INF12, INF13 E INF16, o que mostra ser esse traço descontínuo mais comum na fala dos informantes da classe D, corroborando a assertiva de Bortoni-Ricardo (2011) ao concluir que “a falta de concordância verbal é em alguns casos um traço gradual. Mas nos ambientes em que é mais percebida e menos frequente, ela é claramente um traço descontínuo.”(BORTONI-RICARDO, 2011, p. 24)

A ocorrência deste traço nas entrevistas com INF10, INF12 e INF16 pode ser explicada por fatores linguísticos já mencionados em capítulo anterior, mas vale a pena observá-los aqui. Na frase INF10: *que ficava todos os meus amigos lá* a não-CV é favorecida pela ruptura da ordem direta da frase. Já em INF12: *A família dos meninos são de muito dinheiro*, a CV se dá com o adjunto adnominal preposicionado, comum, inclusive, como observa Scherre (2008), na escrita monitorada. Em INF16: *Tá tendo uns show assim massa de rock*, o segundo elemento do sujeito sem a marca explícita do plural favorece a não-CV, além de o uso da gíria, ou seja, o enunciado foi pronunciado num momento de fala totalmente coloquial do informante.

Outra característica das sociedades modernas apresentada pela autora refere-se à tendência de as variedades desprivilegiadas conservarem-se nas comunidades urbanas, apesar da influência da norma padrão. Além disso, os estudos de Milroy (1987) mostraram que a existência de redes de relacionamento densas não se limita a zonas rurais ou lugares isolados geograficamente, onde os sistemas tradicionais prevalecem. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005) tais redes

São encontradas também em comunidades urbanas estabelecidas há muito tempo, principalmente as de classe baixa, onde se desenvolve uma ética de solidariedade como uma verdadeira estratégia de sobrevivência. O resultado é, geralmente, um alto grau de coesão interna no grupo e conseqüentemente resistência aos valores dominantes. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 85)

Como a autora afirma ser possível uma explicação dessas ocorrências por meio do estudo das *networks*, com base no perfil dos informantes, apresentado na seção 6.1 e construído com base em seu histórico e em suas redes de interação, a exemplo de Labov (2006), testamos adiante até que ponto as redes de interação interferem na manutenção ou mudança de sua variante, observando até onde há tensão em permanecer fiel à variante que é comum ao seu grupo ou adotar a forma prestigiosa. Em

outro momento, será analisado qual o papel desempenhado pelos valores hegemônicos na predisposição destes informantes em se ajustarem ao sistema de produção, valores estes transmitidos culturalmente pelas agências de letramento prestigiosas.

Tipificação das redes

Como término desta seção, podemos afirmar que as redes sociais demonstraram ter um papel preponderante no uso ou não da CV com nossos informantes. A título de exemplo, citamos a INF1, a qual não usa a CV porque suas redes não favorecem o uso; o INF5, que mantém um uso condizente com as redes de relacionamento das quais vem se afastando e dá mostras de aproximação com aquelas em que agora está inserido, a INF9, que mantém o padrão culto dos seus e o INF13, que foge dos padrões de quase todas as redes, acolhendo a rede familiar como modelo para o uso da CV na maioria dos casos.

No quadro 1, vemos como são denominadas as redes de cada um dos informantes.

Quadro 1 - Tipos de redes e vínculos

INFORMANTE	TESSITURA DENSE	TESSITURA FROUXA	VÍNCULOS UNIPLEX	VÍNCULOS MULTIPLEX	INDETERMINADO
INF1					
INF2					
INF3					
INF4					
INF5					
INF6					
INF7					
INF8					
INF9					
INF10					
INF11					

INF12					
INF13					
INF14					
INF15					
INF16					

Fonte própria

Considerações finais

Neste trabalho, primeiramente, deixamos claras as nossas bases, mostrando na seção nossa fundamentação teórica, ressaltando a importância da Dialetologia que, com seus estudos, tem trazido significativas contribuições no sentido de apresentar a realidade linguística nacional, em especial por meio do Projeto ALIB. Sendo um ramo da linguística complementar ao outro, discorreremos acerca da Sociolinguística, disciplina que veio a incluir nos estudos nos estudos Dialetais a variação social, complementando-os. Apresentamos os conceitos básicos da teoria Sociolinguística, subdividindo, para melhor delimitação, a vertente Quantitativa, especialmente representada pelos estudos de William Labov, da Qualitativa..

Tendo como foco esse fator linguístico marcador de classes, a CV, achamos por bem apresentar as considerações de alguns autores sobre o tema, destacando também a importância de repensar certos conceitos em sala de aula, a fim de que esta possa ser tratada de forma menos estigmatizada na escola.

Depois de todo esse apanhado teórico, chegamos aonde queríamos: às análises, por meio das quais pudemos reiterar que a busca por identidade é marcante na adolescência, visto que nossos informantes têm um falar condizente com a idade em que estão. Mesmo quando utilizam um padrão mais culto, momentos de uso de gírias e expressões populares podem ser observados.

Cientes de que fatores linguísticos têm importância relevante no uso ou não uso da CV pelos adolescentes, destacamos apenas os fatores extralinguísticos, Além disso, tal atitude também tem relação com a aproximação e identificação com o grupo em que se inserem. Há informantes que se orgulham de fazer parte de seu grupo, como a INF1, inserida entre as mulheres guerreiras da Classe D, utilizando sua fala no sentido de não deixar isso despercebido. Outros tentam se desvincular, como o INF5 e a INF11 que buscam aproximação com o grupo em que se incluem nesta fase de sua vida,

aquele tentando deixar de lado sua expressão mais formal, utilizando-se de gírias para se mostrar malandro, esperto, *da vida*, enquanto esta aceita a influência dos valores hegemônicos e se inclina em favor da norma de prestígio.

A INF9 se identifica com seu grupo, mas, como adolescente, utiliza-se de gírias, talvez por influência das novas redes que vem contatando ou numa busca por distanciamento com os adultos e o INF13, integrado totalmente à família e admirador da figura paterna, marca na fala a necessidade de ser igual a seus familiares.

Observamos que a opção pela CV ou não-CV tem muito mais relação com as redes de interação do que com a questão de a escola ser estadual ou particular. Os adolescentes inseridos na classe D podem utilizar ou não a CV, isso dependendo do seu interesse e necessidade de se sentir aceito.

Constatamos, ainda, que fatores linguísticos são deveras importantes na realização ou não da CV, no entanto nosso estudo mostra que os fatores extralinguísticos, em especial as redes sociais de relacionamento, e com elas interferência dos valores hegemônicos e a predisposição para o uso da norma prestigiada, têm peso maior, além de serem cruciais para a formação da identidade destes adolescentes.

Desta maneira, os resultados obtidos confirmaram as asserções levantadas inicialmente, mas de forma parcial, já que as análises que constaram deste trabalho levaram a concluir que o uso ou não da CV pelos adolescentes envolve muitos fatores, fatores estes que vão desde a influência de um *bulling* na vida do indivíduo à popularidade entre os amigos; que vão desde a uma mãe que lia no berço historinhas de ninar a um pai desaparecido no exterior; desde uma tentativa de se auto-afirmar até a negação do grupo de origem.

Podemos, inclusive, pensar que, nesta fase, pouca relevância têm as regras de CV que são passadas de forma normativa pela escola, mas preferimos deixar as considerações mais enfáticas, neste sentido, para trabalho futuros, em que, por meio da observação das redes *in loco*, será possível configurar a verdadeira forma de falar adolescente.

E fechamos nossas considerações trazendo uma fala proferida por Riobaldo, inesquecível personagem de Guimarães Rosa, que diz: “*O senhor ... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando*”(ROSA, 2001, p. 38).

E toda mudança sempre é enriquecedora. A mudança linguística, então, é um tesouro.

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo pra a análise sociolinguística do português no Brasil. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- _____. *Educação em língua materna: Sociolinguística em sala de aula*. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009
- _____. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CARONE, Flávia B. *Morfossintaxe*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de A variação linguística, norma culta e o ensino de língua materna. In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e o 2º graus*. São Paulo: SE / CENP. 1988, 3 v.
- _____. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2010.
- GUMPERZ, J. The speech community. In: GIGLIOLI, P. (org.). *Language and social context*. Londres: Penguin Books, 1972.
- LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. p. 49-85.
- _____. *Principios del cambio lingüístico*. Volumen 2: factores sociales. Madrid, Editorial Gredos, 2006.
- _____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MILROY, Lesley. *Language and social networks*. 2ª ed. Oxford: Blackweel, 1987.

MILROY, Lesley; MILROY, James. Linguistic change, social network and speaker innovation. In: *Journal of Linguistics*, vol. 21, Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.339-384.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática em suas interfaces*. Alfa, São Paulo, v. 51, p. 81-98, 2007.

PERINI, Mário A. *A gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

SCHERRE, Maria Marta Pereira e NARO, Anthony J. Marking in Discourse: Birds of a Feather. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press. 1991

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TERRA, Ernani. *Minigramática*. São Paulo, Scipione, 1997b.